

Festa de Nossa Senhora do Rosário em Buraco Escuro (MG): memória e espaço em uma comunidade mineira

*Andréia Lúcia da Silva de Paiva**

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o papel da memória da festa anual de Nossa Senhora do Rosário em Buraco Escuro (MG), na construção da identidade social de seus habitantes. A análise é feita a partir dos relatos orais de alguns dos participantes do ritual. Busco descrever as formas pelas quais uma memória coletiva é organizada e transmitida em um espaço rural, onde a religiosidade se coloca como um marco local.

Palavras-chave: memória coletiva, espaço, comunidade, Festa do Rosário, Minas Gerais.

Introdução

O estudo de uma memória festiva em uma pequena comunidade rural torna-se um exercício desafiador para o estudo da memória social ou coletiva, uma vez que o conceito de festa também é um evento cultural e coletivo. Esta memória, enquanto categoria socialmente construída, constitui fenômeno social capaz de ligar os indivíduos uns aos outros, pois a individualidade vai dando passagem para uma consciência de um sistema simbólico que promove enquadramentos destes em vida social.

Os estudos sobre memória coletiva adquirem grande importância para a construção de identidades culturais sobre o indivíduo, grupos sociais e comunidades. Neste trabalho, não se pretende fazer um estudo etnográfico para uma descrição densa do ritual festivo, mas descrevê-lo através dos relatos orais dos seus participantes, a fim de investigar as formas pelas quais uma comunidade se organiza e transmite práticas sociais.

Como um método interdisciplinar, segundo Thompson (2002), a História Oral nos permite obter “registros” que não se encontram documentados em Buraco Escuro – e nem na literatura – sobre as formas como seus participantes narram e percebem suas experiências festivas e do espaço em que vivem¹.

Sendo assim, a produção de um documento sobre uma festa popular através da história oral torna-se importante na medida em que os entrevistados pensam suas ações no presente, através de suas relações com o passado. Não se trata aqui de um passado linear e imóvel que se repete no presente, mas daquele que é pensado através das experiências presentes dos agentes que se tornam ativos e sujeitos à transformações. O recolhimento da história oral dos participantes do ritual, a partir de entrevistas e observação participante, constitui, portanto, uma forma de se pesquisar até que ponto a festa do Rosário encontra-se presente na memória da comunidade e em que medida ela contribui para a construção do espaço no qual é realizada.

Breves notas sobre uma comunidade mineira

Localizada nas proximidades da Serra da Mantiqueira, a 150Km de distância de Belo Horizonte, Buraco Escuro caracteriza-se como um espaço rural onde a religiosidade aparenta ser um marco importante para a construção da identidade social de seus habitantes. Sua vizinha mais próxima, a cidade Sem Peixe – antes distrito do município de Dom Silvério – teve sua emancipação em 1995.

Buraco Escuro apresenta pequenas casas e é cercada por outras comunidades rurais tais como: Córrego das Almas, Biquinha, São Bartolomeu, dentre outras. No convívio com alguns moradores em 2001, era freqüente ouví-los classificarem o local como um povoado por ser um espaço pequeno e cercado de mato. Retornando ao local em 2002, novamente me vi em torno da problemática que envolvia a identidade do local.

Segundo relatos orais, o próprio nome Buraco Escuro atribuiu-se a uma região como uma cuja denominação é Córrego Escuro que se divide em Córrego Grande e Córrego Escuro. Esta divisão era questionada pelos próprios moradores.

Alguns residentes de Buraco Escuro ou de outras roças próximas afirmavam que embora seja engraçado o nome Buraco Escuro, era esta mesma a denominação dada ao local. Seja Córrego Grande ou Córrego Escuro tudo consistia em um conjunto só: “Pode falar Buraco Escuro”. Como comenta Dona M., Rainha do Rosário da festa de 2001, sobre Buraco Escuro:

É nada. É um buraco lá. (risos). Não tem indústria nenhuma. É umas casas mesmo que tem lá. Quando eu fui pra lá, há 68 anos, Andréa você acredita em Buraco Escuro só tinha 4 casas? Olha eu vou até contar: só em Juca Teixeira tinha 8 casas, mas agora o pessoal mudou, só tem duas casas só. Agora em baixo lá nos Totones tem 3 casa lá tem Tozinho, Leleca, tem Antônio de Afonso, Antônio Cerqueirinha, D. Cerqueira. Não é casa ruim não, mas não é das mior. Tem a casa de Arcinda Eduarda, de Luis Cerqueira, que é uma casa bem boa também. Deve ser umas 30 casas que tem alí, boba. (Dona M.).

Descrever Buraco Escuro consiste, primeiramente, em analisá-la pela própria interpretação dada por seus moradores: o conceito de lugarejo, de local, município, roça, vila, distrito, povoado e até mesmo, buraco. Todas essas classificações parecem se misturar no imaginário popular.

Quando interrogada, a jovem A. de 14 anos, moradora de Córrego Grande, como ela própria se definiu, sobre qual era a denominação de Buraco Escuro, ela respondeu-me que podia chamar tudo – incluindo as outras roças do município de Sem Peixe – de comunidade, pois foi assim que ela havia aprendido e era desta forma que a população denominava. O sr. D. afirmava que, tanto Córrego Escuro quanto Córrego Grande, eram tudo comunidade. Esta mesma definição era compartilhada pelo Pe. A., seja em entrevista, em suas conversas com os moradores ou durante a celebração da Festa do Rosário. Porém, Pe. A. atribuía um adjetivo: “comunidades pequenas”.

Quanto à origem de Buraco Escuro, Dona M. conta uma história que é compartilhada pelos demais moradores, incluindo os jovens. Conta que não havia energia elétrica, e que acha que o nome se deve a isso. A única coisa que recorda bem é de dois homens idosos chamados Seu Dandão e Antônio Bárbara que foram os primeiros moradores de lá. Dizem que Seu Dandão chamava Antônio Brandão e havia “pego” uma jovem índia e levado para Buraco Escuro, espaço no qual, na época, existia somente mato e muita onça. Esta história lhe foi contada, segundo Dona M., pela própria esposa de Dandão que era sua sogra. Seu Antônio Brandão chegava à noite e fazia um giral, uma madeira comprida e sua esposa ficava lá em cima porque as onças ficavam rodeando lá embaixo:

Diz ela que no outro dia ela ia lavar um cuador pra fazer café e diz ela que a mão dela não tampava o rastro da onça que andava na bica. Isso que é doideira! Largou o pai, largou os irmãos e foi se enfiar aí por estas matas. Aí o pessoal foi matando as onças e diz que foi abrindo e Antônio Dandão era um desses muito carajosos. Tinha uma espécie de cartucheira (arma). Matou muita onça.

Matou só onça não. Diz a comadre, a mulher dele, que era tanta caça que ele matava, ela salgava, enchia um balaio, balaião assim ó só de carne e eles comiam carne à vontade. Eu fui, eu acho, a décima moradora de lá.² (Dona M.)

A respeito ainda do nome Buraco Escuro, alguns dos historiadores diziam não saber a origem. Diziam que as pessoas antigas assim o colocaram e foi passando. O jovem E., estudante universitário, narra que o nome Buraco Escuro foi atribuído pela própria região:

Por ter muitas árvores, é sempre escuro, seja com o sol ou com chuva. Então eles colocaram o nome da região lá de Córrego Escuro. Buraco Escuro é porque, pela região ser no fundo, o sol quando ele se põe lá na montanha você vê que a luz passa por cima. Então dá um vácuo, então se você ver de longe, dá um buraco escuro. Mas não é questão de crítica, mas é porque dá um sentido de um buraco por ser montanhoso e ter um vão. A história é essa. (E. Estudante universitário).

No espaço que compõe Buraco Escuro, além das casas serem distantes uma das outras, existe hoje somente uma capelinha. A capela de Santo Antônio é bastante modesta e está localizada no meio da mata, a duas casas do local. Feita de tijolos e cimento, a estrutura encontra-se semi-acabada e sua cerca é amarrada por bambu. Não há padre em Buraco Escuro, como também não há em Sem Peixe. Ambos lugares encontram-se subordinados à paróquia de Dom Silvério. A construção da Capela Santo Antônio não teria mais de 10 ou 11 anos, como relembra D. M. e foi criada pela necessidade da comunidade ter uma igreja local:

Foi assim, em toda a comunidade ia fazer igrejinha. Em alguns lugares fizeram igreja assim mais boa. E lá, em Buraco Escuro não tem dinheiro. Aí eu sei que tiveram boa vontade e fizeram aquela capelinha que tá lá. Tem festa de Santo Antônio que é padroeiro de lá. (Dona M.).

As fronteiras e a forma de localização da população de Buraco Escuro aparecem aqui, demarcadas pelas casas e terras familia-

res. Há uma grande distância de uma casa para outra e estas possuem nomes, não se observando qualquer tipo de numeração. Esta vivência em Buraco Escuro lembra a passagem de Roberto Damatta (1985) que estabelece uma diferença entre os sistemas de casas brasileiras, as quais apresentam endereços impessoalizados e o sistema em Tóquio, no qual as casas têm um sistema personalizado:

Tudo muito parecido com as cidades brasileiras do interior onde, não obstante cada casa tem um número e cada rua um nome as pessoas informam aos estrangeiros a posição das moradias de modo personalizado e até mesmo íntimo: “A casa de Seu Chico fica ali em cima[...]do lado da mangueira [...] logo depois do armazém do Seu Ribeiro. (DAMATTA, 1985, p. 26).

Em Buraco Escuro acontecem duas grandes festas: a Festa de Santo Antônio (realizada em junho) e a Festa de Nossa Senhora do Rosário (realizada em outubro). Entretanto, na festa de Nossa Senhora do Rosário – segundo os relatos orais dos seus participantes – o rei e a rainha não precisam ser moradores do próprio local como é realizada na zona urbana. Os moradores dos demais lugares próximos podem “pegar a coroa”, assim como aqueles de outros estados que apresentam algum tipo de contato com a região por haverem nascido na cidade ou pela presença de familiares no local. Sendo assim, a Festa do Rosário passa a ser um evento que ultrapassa as fronteiras específicas do espaço em que é realizado.

A festa na roça

As festas populares atraem a atenção de antropólogos, sociólogos, historiadores e estudiosos da memória social. Talvez, o que leve tais estudiosos a admirá-la esteja em seu próprio objetivo: a alegria festiva capaz de constituir e envolver uma memória coletiva daqueles que dela participam. Nela, não haveria espaço para as diferenças sociais e conflitos, embora a festa peça licença à vida cotidiana para representá-la, como mostra a embaixada do congado de

Nossa Senhora do Rosário, que, segundo relatos históricos, representa uma luta entre Mouros e Cristãos.

Da mesma forma, qualquer indivíduo, independente de sua classe social, pode se tornar um rei do rosário, capaz de estabelecer normas, como a mudança do calendário ou de um determinado tipo de comida ou bebida festiva, e adquirir o respeito de seus súditos por um determinado período. A festa passa a ser compreendida como *locus* de irreverência e criatividade de seus agentes.

Nossa Senhora do Rosário é considerada padroeira de todos congadeiros e protetora dos escravos. A ela se juntam dois santos negros: São Benedito e Santa Efigênia. Na época da escravidão, as festas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito eram chamadas de "Festa de Negros"³. Segundo Luís da Câmara Cascudo (1988), a festa do Rosário está historicamente ligada a grupos negros que realizam uma dança dramatizada conhecida pelo nome de Congada. Este auto popular simboliza a coroação de um rei (às vezes também de uma rainha), que se insere em um ritual religioso ligado às formas sincréticas brasileiras. A congada é representada em toda parte do Brasil. Seus elementos de formação, como descreve o autor, encontram-se na coroação dos Reis do Congo, nas reminiscências de bailados guerreiros e nos documentos de lutas e nas reminiscências da Rainha Njinga Nbandi, rainha da Angola. Njinga é também conhecida como Rainha Ginga.

No Brasil, a devoção à Santa do Rosário entre os escravos faz parte de um sincretismo religioso entre a cultura dos missionários católicos e a população de origem africana. Os escravos praticavam o culto religioso como forma de evitar a punição dos senhores de engenho e manter presente sua cultura africana.

A memória festiva presente nos relatos orais dos personagens de Buraco Escuro possui um outro sentido além da alegria: a relação entre passado e presente. Esta conexão é feita pela experiência de ações individual e coletivamente compartilhadas pelos indivíduos. Desta forma, os moradores de Buraco Escuro buscam no tempo festivo, recordar e partilhar uma memória coletiva. A festa do Rosário é um ponto de encontro entre os moradores. Cabe aos pesqui-

sadores observar quais interpretações são dadas às representações deste ritual através da leitura que a própria comunidade faz do local.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário em Buraco Escuro inicia-se no momento em que ela finaliza. A “troca da coroa” é realizada no final do ritual e cabe aos novos reis conduzirem o ritual do próximo ano.

O rei e a rainha desenvolvem papéis fundamentais no ritual. A festa do Rosário de 2001 foi realizada em setembro, sob a ordem dos reis do rosário e não em outubro, mês do calendário eclesiástico destinado à festa. O dia da Santa estabelecido pelas normas da igreja católica é o 7 de outubro. Porém, a explicação dada pelo povo é que “deve ser por que foi o dia que ela apareceu para os escravos”, como conta D. Z., filha de Dona M. Já a explicação da rainha baseava-se no fato do mês de outubro apresentar muita chuva, muita lama, tornando-se mais difícil a realização de uma festa ao ar livre. A “ordem real” foi enviada aos súditos e comunicada ao padre.

Em 2002, pude observar que a ordem não é transmitida sem que a força de uma memória coletiva – constituída por fiéis devotos à crença – seja capaz de estipular ordens frente aos reis. Seu R., um dos moradores de Buraco Escuro, sentado em um banco largo de madeira que compõe o acento da capela, olhava triste a imagem do santo junto com outros senhores. Eles conversavam sobre a tristeza naquele ano por não ter ocorrido a festa de Santo Antônio, padroeiro do local. O povo de Buraco Escuro decidiu então fazer a festa do santo junto com a de Nossa Senhora do Rosário. Desta forma, Seu R. e os demais cristãos puderam ter a festa “paga” ao santo, por uma decisão coletiva, seja por agradecimento ou por respeito e fé à imagem de Santo Antônio.

Quanto às doações, explica Dona M., são obtidas pedindo: “A gente consegue tanta coisa!” Entretanto, como a própria diz, anteriormente a festa era melhor aceita pela comunidade. Hoje, referindo-se à tomada da coroa, Dona M. explica a dificuldade de fazer com que o povo seja mais fiel a Deus e aceite a crença de se fazer a festa para a santa: “Agora é assim, antes eles mesmo aceita-

vam, agora não". Isto pode ser atribuído ao fato da Festa do Rosário estar se tornando uma festa cara, pois há despesas com alimentação e preparo, roupas dos reis, rainhas, príncipes e princesas. Quando não próprios, tais recursos são obtidos junto a um parente ou filho que tenha melhor condição econômica.

A festa não possui ajuda financeira do prefeito nem do padre, cabendo à comunidade financiá-la, como indica Dona M.: "É a comunidade. Em algumas festas, né Andréa ele (o padre) dá coitadinho!" Estes dados distinguem a Festa do Rosário da roça da Festa do Rosário da cidade na qual são as próprias pessoas que conduzem a festa também. Porém, as pessoas da cidade possuem uma condição de vida melhor, o que torna a festa, como diz Dona M., "uma festa de arromba. Muitos dos festeiros dos reis são alinhados⁴ demais. Tem muitos festeiros. Tem demais".

A doação parece assumir grande importância também para a organização festiva e para os integrantes do congado. A doação de comida, bebida e roupas parece ser o principal ponto para a integração da população na realização da Festa do Rosário em Buraco Escuro. Sem ela não há festa, uma vez que a festa do Rosário, é a festa mais cara segundo o padre e os festeiros.

Segundo o Estatuto da Associação do Congado e Dança de Marujos de Sem Peixe, estabelecido em 21 de agosto de 1990 – as doações de objetos aos dançantes como roupas, instrumentos musicais, alimentos e transportes, encontram-se registradas como patrimônio: "a sociedade organizará o seu Patrimônio e constituirá de Recursos de Manutenção, observando-se os princípios gerais de economia e finanças, com o seguinte elemento: donativos". (Artigo 6º, capítulo II. Estatuto da Associação do Congado e Dança de Marujos de Sem Peixe).

A afirmação de objetos doados como patrimônios torna-se, como expressa Gonçalves (2002, p. 121), "uma estratégia através da qual grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transforma em 'patrimônio'". Em Buraco Escuro, a doação e a sua garantia oficializada em documento po-

dem fazer com que o grupo ou indivíduo do congado sejam capazes de entendê-la como sendo a garantia do reconhecimento em demais municípios do espaço em que se apresentam e, tanto para eles quanto para a população do Município de Sem Peixe, a manutenção de uma memória festiva.

Uma breve descrição da festa

A festa inicia-se com um Reinado. Cabe à Rainha do Rosário conduzir a novena – período de nove meses que representa para a Igreja Católica Romana o período de gravidez de Maria, Mãe de Jesus. Há, em seguida, o levantamento do mastro que é um ritual dividido em tarefas: cabe aos homens irem à mata e cortar uma enorme madeira, trazendo-a para o quintal da igreja. Às mulheres cabe enfeitarem o mastro com adornos feitos de papel colorido. No topo, fica a bandeira também produzida por elas com uma imagem recortada de Nossa Senhora do Rosário. Após esta ação, a festa é animada ao som do forró e há venda de alimentos e cachaça (a grande campeã de venda) e sorteios de alimentação.

No dia seguinte, os preparativos se iniciam cedo para o reinado dos reis do Rosário. A manhã é tomada com a preparação dos alimentos por homens e mulheres (em sua maioria), ou seja do banquete que caberá aos Reis do Rosário servir ao congado. Cabe às mulheres prepararem os alimentos – cozinhá-los em grandes tachos a lenha no quintal, por exemplo. Aos homens cabe auxiliar esta atividade obtendo madeira para garantir o fogo aceso, uma lona para cobrir o quintal em caso de chuva, e buscar os integrantes do congado. Enquanto isso, crianças e os jovens em geral ajudam a lavar a Capela e enfeitar o andor de Nossa Senhora para a procissão. Ao meio dia, com a chegada do congado que dança em troca de alimentos, os reis servem a comida. Ao congado cabe agradecer antes pelo banquete e retornar mais tarde para pegar a Rainha e depois o Rei, os conduzindo à Igreja ao som de muita música de violão, sanfona e pandeiros. É o reinado. Ao fim da missa, a coroa é

passada aos próximos reis do Rosário. É o fim do reinado e início de um outro.

Tudo o que é arrecadado para pagar as despesas da festa é entregue ao padre, o que para os fiéis representa o pagamento à santa e ao mesmo tempo ao próprio Padre A. pelo seu papel na realização da festa. O padre utiliza estes recursos para as despesas das paróquias e, em especial, na manutenção da Escola Agrícola criada por ele na comunidade de Camões, onde é realizado um trabalho assistencial com meninos e meninas da roça do Município de Sem Peixe.

O congado, esta parte constitutiva do ritual da festa do Rosário em Buraco Escuro, é representado por um grupo de mulheres, homens e crianças, negros e mestiços (em sua maioria) que usam fitas coloridas no cabelo, roupa branca e chapéu com espelhos colados e demais adereços.

No município de Sem Peixe, em momentos de festas como a de Nossa Senhora do Rosário, há o encontro de duas filas de congado. A primeira é a de um congado criado por Dona F., hoje com 75 anos, personagem considerada mãe e rainha de todos os congadeiros, tanto dos sempeixianos quanto dos congadeiros das cidades que fazem fronteira com o município. Dona F. Mora em de um Sítio em Rio Cascas, a 3Km de Sem Peixe. O congado de Dona F. se apresentou na festa do Rosário de 2001. Porém, em 2002, não compareceu à festa em Buraco Escuro por motivos de saúde da Rainha de todos os congadeiros. O segundo congado de Sem Peixe apresentou-se na festa do Rosário em Buraco Escuro em 2001 e 2002 (junto ao congado de Dona Fia), bem como nas demais comunidades ou municípios pelos quais foi convocado a se apresentar.

Memória religiosa, memória de resistência

O ritual da festa de Nossa Senhora do Rosário, em Buraco Escuro, desde os seus preparativos até a sua finalização com a missa, encontra-se muito ligado a uma memória de resistência ocasio-

nada, a cada ano, pelos receios de que o padre não compareça à cerimônia, a chuva inviabilize a festa ou as doações não sejam fartas.

Sobre a ameaça de não haver a festa do Rosário em 2003, a população pensa em se realizá-la junto com a festa de Santo Antônio “com padre ou sem padre”. A dificuldade em se manter a festa encontra na falta de representantes eclesiais um fator relevante. Em Sem Peixe há apenas um padre que, como a população mesmo afirma, “é emprestado” da cidade de Dom Silvério.

Pe. A., como o próprio diz, não tem a obrigatoriedade de celebrar nas “comunidades pequenas”, referindo-se a Buraco Escuro e às demais comunidades da roça que compõem o município de Sem Peixe. Segundo o próprio padre, ele apenas participa da festa porque gosta e acha importante manter viva a cultura e a “busca por raízes”. A sua obrigatoriedade eclesial são somente a Paróquia de Nossa Senhora da Saúde situada na cidade de Dom Silvério e a Capela de São Sebastião situada na cidade de Sem Peixe. Padre A. encontra-se atualmente sobrecarregado de tarefas, tendo que atender praticamente os dois municípios. Ao lado desta problemática, há também a dificuldade de acesso às roças de Sem Peixe devido às estradas, sobretudo em caso de chuva, quando o acesso a tais espaços é em muito dificultado.

Tais relatos nos permitem observar que a memória social, seja ela pensada ou não como resistência, somente existe porque há um grupo interessado em manter uma lembrança contida em suas práticas ou crenças que lhe oferece significados e o desejo de transmiti-la.

No caso da festa do Rosário parece haver uma forte crença religiosa, uma imagem ideal do mundo. A concepção sagrada apresenta-se como um sistema de idéias e representações que constituem uma mediação entre os interesses da vida cotidiana e a realidade divina capaz de assegurar a salvação aos fiéis. Esta consciência coletiva religiosa apresenta-se como um marco simbólico na organização de uma memória coletiva.

Segundo Durkheim (2000), a festa é sempre uma celebração religiosa ou de essência religiosa. O autor pretende enfatizar a religião como responsável por um papel de grande importância na cons-

trução humana do mundo social, incluindo sua cultura e suas representações, devido ao fato de fazer com que seus praticantes dêem sentido ao mundo que os rodeia. O autor indica que todas as crenças religiosas, quer sejam simples ou complexas, apresentam um caráter comum: a classificação das coisas. Sejam elas reais ou ideais, os homens as concebem em duas classes, em dois gêneros opostos: o profano e o sagrado. As crenças, os mitos, os gnomos e as lendas, assim como um rito, constituem representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas. Se o sagrado entrasse em contato, o profano não mais existiria. Estes dois gêneros possuem, portanto, uma natureza própria: "A coisa sagrada é por excelência, aquela que o profano não deve e não pode impudentemente tocar." (DURKHEIM, 2000).

Em se tratando de festas brasileiras, de caráter nacional ou local, independentemente das épocas em que se realizam, encontram-se, em sua maioria, ligadas à Igreja Católica (FRADE, 1980). Observa-se que as festas tradicionais brasileiras, como os folguedos, os cultos aos santos e as danças são manifestações de religiosidade popular, uma vez que a maioria delas foi trazida de Portugal e assimilada por um povo simples – camponeses em sua grande maioria, que faziam honras aos santos devotos através de promessas, penitências, novenários e rezas que envolviam também superstições.

O ritual da Festa de Nossa Senhora do Rosário convoca para a prática religiosa na qual reflexões sobre o sagrado permeiam as narrativas. A palavra se torna elemento vital para a organização da experiência individual e coletiva. Os cantos e as histórias apontam para a possibilidade do ritual evocar lembranças.

O mito de Nossa Senhora do Rosário está na incorporação do culto da Santa pelos negros como protetora dos negros escravizados. Assim, os escravos invertem o sentido do culto à Santa, antes voltado para a proteção aos marinheiros espanhóis e portugueses em luta pela expulsão dos mouros da península ibérica. É diante deste cenário histórico de poder em terra estrangeira que os escravos se situavam e buscavam constituir também relações de poder entre eles, através de uma cultura reinventada, mantendo presente a memó-

ria de suas crenças. A festa de Nossa Senhora do Rosário e a organização do congado são exemplos desta manifestação cultural. O mito e a crença se fazem presentes até nas explicações do sagrado. Em Buraco Escuro, os personagens que integram o congado apresentam-se como pessoas que bebem cachaça⁵ e fumam – atos considerados profanos.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário traz, em sua representação social, imagens e símbolos como a escolha dos reis, rainhas, príncipes e princesas, o congado, os preparativos para a festa e as doações são registros memoriais que funcionam como motor de uma lembrança local de um espaço em um determinado tempo. Os devotos pedem favores e pagam promessas porque acreditam que, com a realização da festa, a materialização dos pedidos (de dinheiro, de cura de enfermidades – normalmente as mais freqüentes) garantem a manutenção da festa, seja por proporcionar aos fiéis a lembrança da devoção e dos atos de cura que foram presenciados ou aprendidos anos atrás, seja por uma dívida com o santo, o que leva à repetição anual de uma tradição ou à reinvenção desta. Este mosaico de representações que compõem a festa faz com que o seu espaço – local onde se inicia, caminho que percorre e onde será finalizada – encontre-se dotado de simbolismo e crenças fundamentais para pensarmos a relação entre memória e espaço.

Complementando a discussão, Michel de Certeau (2002, p. 202) definia o espaço como um “lugar praticado”. Sendo assim, podemos pensar a estrada de barro batido, as casas e a capela em Buraco Escuro como espaços constantemente transformados pelos agentes em sua vida cotidiana e, em particular, um local onde os rituais festivos assumem essa dinâmica.

Desta forma, partimos do pressuposto de que a festa de Nossa Senhora do Rosário em Buraco Escuro, com seus espaços simbólicos construídos coletivamente pela experiência e vivência de seus organizadores, ocupa um lugar na memória destes que atuam modificando, recompondo e reinventando esta tradição. A memória festiva torna-se um elemento construtor da identidade individual e coletiva.

A partir do momento em que a memória coletiva é construtora de uma identidade, ela age como um elemento de coesão social dentro de uma determinada organização como uma festa, por exemplo. Para Michael Pollak (1992), o conceito de identidades coletivas está ligado a todos os investimentos e trabalhos que um grupo ou pessoa realiza ao longo de um tempo no sentido de despertar para um sentimento de continuidade e de coerência em sua reconstrução de si, para si e para os outros. O coletivo é essencial para a construção da identidade, pois, como afirma o autor, “ninguém pode construir uma auto imagem isenta de mudanças, de negociação, de transformação em função dos outros” (POLLAK, 1992, p. 204). No caso de Buraco Escuro, a festa parece ser realizada, em sua origem, em oposição à festa realizada na zona urbana constituindo um confronto de identidades.

O ritual da Festa de Nossa Senhora do Rosário em Buraco Escuro é uma ação em que os atores envolvidos entram em contato com os símbolos, pois é neste contexto que estes últimos tornam-se eficazes para um estudo sobre a memória, visto que adquirem todo valor de crença de um indivíduo, grupo ou sociedade. Os símbolos (como a bandeira, as vestimentas) e os atos (a dança, o canto) presentes no ritual da festa do Rosário podem ser pensados como representações nos quais os indivíduos investem seus interesses. Em outras palavras, é o que Pierre Bourdieu (2000) denomina “representações mentais”, por serem atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento por parte dos agentes. São estas representações que irão legitimar a identidade étnica ou regional de um grupo e as suas lutas constantes contra outros grupos.

Como a festa do Rosário vai tecendo um registro histórico entre seus moradores, ela age como estrutura social capaz de legitimar uma memória coletiva que traz, em princípio (uma vez que permanece aceita pela população) algumas normas: mantê-la, realizá-la e vivenciá-la. Estes três itens são passíveis, uma vez que a festa ainda é capaz de manter a coesão social de um grupo face à eventual interferência externa trazida pelo contato com outros.

Tratar de ritual, mito e costumes é pensar como estes são aprendidos e transmitidos, bem como é refletir sobre o conceito de tradição. Para Eric Hobsbawm (1997, p. 9), uma tradição inventada compreende “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas”. Essas práticas possuem natureza ritual e simbólica, visando impor “certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado”. (HOBSBAWM, 1997, p. 9).

Quanto à questão de manter a tradição presente, recorro de uma participante do congado em Buraco Escuro. Dona F. é uma senhora negra, rainha do congado, que durante a festa de 2001 relembrava, interrompendo e complementando a homilia⁶ feita pelo Pe. A., como era a participação do congado “antigamente” na festa e o quanto mudou nos dias atuais. De forma bem lúcida referia-se às lembranças do passado como ao fato de, antes, o congado dançar dias seguidos e hoje reduzir-se a pequenas apresentações durante o festival. Este ato nos remete ao pensamento de Maurice Halbwachs (1990) sobre as lembranças:

[...] as lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo quase se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque tem sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990).

Os escravos, ao serem transportados para o Novo Mundo, conseguiram manter através de uma constante reinvenção, parte de suas culturas e reconstruí-las em terra desconhecida. Tanto a congada quanto a Festa do Rosário são reconstruções simbólicas. Como já afirmava Halbwachs (1990), a memória pressupõe sempre uma atividade construtiva e racional no presente, operando um processo de formação de identidades, no qual aspectos sociais são reajustados, rememorados e transformados através de uma coesão

coletiva. Seguindo a sociologia durkheiminiana, o autor defende que a memória, por mais pessoal que possa parecer, é uma construção social.

Sendo assim, o passado é reconstruído continuamente no presente, o que nos permite pensar que qualquer lembrança, por mais que pareça ser consequência de uma ação individual, somente existe como parte de estruturas e ou contextos sociais, uma vez que sempre precisamos da memória dos outros para podermos lembrar das nossas. Nossa consciência não se encontra vazia e nem solitária. O eu se encontra construído pelo nós: o indivíduo vive em sociedade e se relaciona com outros indivíduos. É neste viver social que os indivíduos constituem uma memória coletiva.

Para Halbwachs (1990), tanto a memória individual, quanto a memória coletiva são seletivas e cabe-nos identificar o princípio de seleção. Em sua análise, a memória individual e a coletiva se interpenetram freqüentemente em uma relação na qual a memória individual pode se apoiar sobre a memória coletiva. Esta última, por sua vez, evolui segundo suas próprias leis e envolve as memórias individuais, mas sem confundir-se com elas⁷.

A festa permite que a comunidade traga lembranças para o presente através de comparações; seja com a festa de anos anteriores, seja com a festa da cidade mais próxima, em um tempo em que os moradores da roça participavam como foliões e devotos. As reminiscências de pessoas que exerceram papéis na festa aparecem, também, durante os preparativos festivos. É por uma memória festiva dos últimos nove anos que a comunidade de Buraco Escuro busca fazer com que a Festa do Rosário aconteça e não caia em decadência. É com as representações que possuem registradas em suas memórias e utilizando-se dos poucos recursos e da improvisação que os indivíduos mantêm, de forma criativa, o ritual.

A memória coletiva torna-se uma corrente de pensamento contínuo que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Ela não ultrapassa os limites deste grupo. Estas são as principais características, segundo Halbwachs (1990), que diferenciariam a memória

coletiva da história. Para o autor, todos nós temos acesso ao passado (tal como ao presente) apenas através de categorias e esquemas presentes na memória, ou como diria Durkheim (2000), através de representações coletivas da cultura que nos é própria.

A memória do indivíduo depende do relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja e com os demais grupos de convívio. Portanto, os valores, as danças, as músicas, os alimentos, as representações e os simbolismos presentes em um ritual festivo religioso como a festa de Nossa Senhora do Rosário ocupam lugar importante na formação da memória social de seus moradores tornando-os organizadores e narradores da festa que, repetida anualmente, faz com que eles recordem, refaçam, reconstruam e repensem, com imagens e idéias do presente, as experiências do passado.

Observamos que a memória coletiva se encontra baseada nas práticas sociais seja na pequena capela situada em Buraco Escuro, sobre a qual são conduzidas as pessoas para as missas ou celebrações, na roupa de cada um dos integrantes do congado, na novena, na reza do rosário, na doação e na forma de preparo da alimentação, nas vestimentas, no canto, na música e nos instrumentos. O que se nota é uma expressão cultural que não tem como ser feita por um só indivíduo. Fentress e Wickham (1992) apontam como aspecto importante para a compreensão da memória social o conceito de transmissão e articulação entre os indivíduos ao afirmarem que “uma memória só pode ser social se puder ser transmitida, e para ser transmitida, tem que ser primeiro articulada. A memória social é portanto uma memória articulada.” (FENTRESS; WICKHAM, 1992). Podemos assim afirmar, a partir da discussão destes autores, que enquanto a festa tiver um significado capaz de proporcionar recordações ao grupo festeiro de Buraco Escuro, haverá a necessidade do grupo de articular e manter a memória em um tempo e espaço.

É a continuidade da prática, organizada coletivamente, que conecta uma rede de atividades do cotidiano daquele local com o passado e o presente. O ritual é uma forma de manter a reconstrução contínua do passado, pois ele é capaz de trazer a tradição para a

prática, tornando-se importante para o estabelecimento da confiança grupal pelo fato de fornecer a evidência da comunidade cultural compartilhada e de um compromisso público.

A tradição encontra-se ligada à autoridade que um indivíduo ou grupo exerce sobre os outros, a partir de formulações de normas e padrões de controle de comportamento, como já analisava Clifford Geertz (1989) em sua definição de cultura. O conceito de cultura denota também um mecanismo de comportamento que é transmitido historicamente e incorporado à memória por um sistema de concepções. Estas representações encontram-se expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. Os objetos simbólicos constituem a organização do real.

Geertz (1989) define o conceito de cultura como um complexo de padrões de comportamento (costumes, usos, tradições e hábitos) que pressupõe também um sentido para as ações dos indivíduos. O autor observa que o estudo antropológico da religião consiste na análise do sistema de significados incorporados aos símbolos que formam a religião propriamente dita e no relacionamento desses sistemas com os processos sociais e psicológicos. A importância da religião, descreve o autor, está na capacidade de servir, tanto para um indivíduo como para um grupo, como fonte de concepções gerais, embora diferentes do mundo, de si próprio e das relações entre estes.

Para Geertz (1989) os símbolos sagrados sintetizam o *éthos* de um povo. Por *éthos* caracterizam-se o tom, o caráter e a qualidade da sua vida; seu estilo e disposições morais e estéticos – sua visão do mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade e suas idéias mais abrangentes sobre ordem. Marcel Mauss (2001, p. 113) já apontava que “desde logo, o direito e moral, religião, magia e adivinhação aplicam-se não somente a tudo aquilo que é prática coletiva, mas ainda às representações coletivas que causam estas práticas, ou que estas práticas necessitam”. (MAUSS, 2001, p. 113).

Tais relatos nos permitem dizer que o conceito de memória permeia a discussão sobre religiosidade. Halbwachs (1990) discute a historicidade presente na religião. Toda religião possui uma histó-

ria que se encontra ligada a uma memória religiosa feita de tradições que trazem lembranças de acontecimentos geralmente muito distantes do passado e que ocorreram em determinado espaço. As relações sociais presentes nesta ligação entre o passado e o presente encontram-se cercadas por construções simbólicas que possuem a função de explicar, justificar e até mesmo de regularizar tais relações.

Jacques Le Goff (1984), em seu estudo sobre a memória medieval no ocidente, destaca o judaísmo e o cristianismo como religiões de recordações de um passado, sustentadas por uma crença e uma prática de salvação através das histórias narradas em livros sagrados (como a leitura da Bíblia), ou pela tradição histórica que se articula com a vivência dos indivíduos. No catolicismo, por exemplo, o autor trabalha vários trechos bíblicos como a Última Ceia, cuja lembrança de um acontecimento é feita por palavras. No catolicismo, em complemento, há outras regras fixadas por calendários festivos de comemorações aos santos que como indica o autor,

[...] tinha em geral lugar no dia conhecido ou suposto do seu martírio ou da sua morte. A associação entre a morte e a memória adquire, com efeito, e rapidamente difusão no cristianismo, que a desenvolveu na base de culto pagão dos antepassados e dos mortos. (LE GOFF, 1984, p. 27).

O objetivo do catolicismo estaria em manter o ensino cristão, fazendo com que este fosse apreendido como a memória de um salvador que teria sido transmitida por seus apóstolos e seus sucessores.

O interessante é quando pensamos como determinados grupos, comunidades ou sociedades farão uso destas narrativas. Em outras palavras, como a cultura popular é capaz de inventar e reinventar uma lembrança como função religiosa fundamental para a sustentação e compreensão de um espaço físico e imaginário dogmático exercido por uma crença católica.⁸

A Festa do Rosário em Buraco Escuro: o ritual de uma memória coletiva

Até que ponto a memória sobre a festa de nossa Senhora do Rosário ainda permanece inserida em uma memória coletiva sustentada por ações coletivas? A chegada da energia elétrica, que vem permitindo o contato de alguns moradores com aparelhos de comunicação como a televisão pode vir a transformar esta memória coletiva e refleti-la na organização da festa? Porém, o que nos levaria a crer que a memória coletiva festiva poderia se perder com o tempo?

Halbwachs (1990, p. 156) por sua vez aposta que “um grupo religioso, mais que qualquer outro, sente a necessidade de se apoiar sobre um objeto, sobre alguma realidade que dure, porque ele próprio pretende não mudar, ainda que em torno deles as instituições e os costumes se transformem e que idéias e experiências se renovam”.

As propriedades estruturais só existem na medida em que as formas de condutas sociais são reproduzidas cronologicamente (num tempo e espaço). Para manter a cultura em movimento, as pessoas enquanto autoras têm de inventá-la, refleti-la, experimentá-la, recordá-la, discuti-la, interpretá-la e transmiti-la.

À medida que a cultura vai se difundindo por círculos cada vez mais amplos, ressurgem também uma forte tendência em focalizar a atenção da cultura unicamente como um marcador de grupos. Cada tipo de comunidade revela uma ordem social, como expressa Halbwachs:

[...] é comum insistir sobre o ritmo rápido da existência das grandes cidades em comparação com as pequenas povoações, ou em regiões industriais, em comparação com o campo. [...] Mas pelo fato, de que no intervalo de um dia, os habitantes de um vilarejo têm menos ocasiões de mudar a direção de sua atividade ou de seu pensamento, será que, para eles, o tempo se escoar mais lentamente do que nas cidades? É o habitante da cidade que tem essa idéia, mas por quê? [...] Ora, no campo, o tempo se divide conforme uma ordem de ocupações que se regulam segundo o curso da natureza. É preciso aguardar que o trigo brote [...] O

tempo é aquilo que deve ser dentro de um grupo desses e para estes homens cujo pensamento assumiu uma conduta conforme as necessidades e as tradições. (HALBWACHS, 1990, p. 119).

É a memória coletiva que possui a função social de manter a coesão dos indivíduos. Na festa do Rosário em Buraco Escuro, há mecanismos de comportamentos como a crença na Virgem Santa, os milagres contidos na reza do rosário e a tradição dos cultos que constituem padrões de comportamento no grupo de fiéis que realizam esta festa. É neste momento de crença e na prática deste ritual que os mecanismos culturais de comportamento tornam o espaço social coeso.

Diante desses dados é preciso interpretar que, para os habitantes de Buraco Escuro, o tempo e o espaço se organizam conforme as ordens de ocupação de um grupo, e que o estudo da festa religiosa de Nossa Senhora do Rosário pode ser um exemplo capaz de revelar a construção de uma identidade social de um povo através de seu rito (práticas e crenças) que constituem expressões culturais presentes em uma memória coletiva.

O estudo de uma festa popular em uma comunidade permite também pensar como a tradição está ligada a uma memória coletiva, a um meio organizador que permite desenvolver um trabalho contínuo de interpretação que identifica os laços que ligam o presente ao passado.

Observa-se, a princípio, em Buraco Escuro, uma similitude entre os componentes do ritual festivo. Há uma grande participação da comunidade na organização da festa e o indivíduo que se mostrar desviante é punido por meio de ações que têm profundas raízes nos costumes. A punição apresenta-se sustentada em uma moral cristã que apresenta um caráter significativo e que pode ser demonstrada através de um sermão do padre ou por alguns indivíduos. O princípio fundamental parece consistir na idéia de que ferir esta consciência coletiva representa uma violência que atinge a todos aqueles que se encontram reunidos por um pensamento.

A festa de Nossa Senhora do Rosário envolve um conjunto de crenças constituído pelo cotidiano entre os devotos e a santa. Neste, a cultura e a memória se apresentam articuladas e dependentes deste processo. Nota-se, através desta festa, o quanto uma comunidade pode ter sua socialização construída pela religiosidade. Esta ação transforma o ritual festivo em um dinamismo autêntico de dramatização, capaz de carregar consigo uma memória social. Seus personagens são capazes de lembrar de um acontecimento, uma vez que o vivenciam numa experiência coletiva que se apresenta sustentada por valores culturais presentes nos espaços sociais em que eles se encontram.

Segundo Tönnies apud Merlo (1995), *Gemeinschaft* (a comunidade) caracteriza-se por ser um agregado de consciências tão relacionadas entre si que tornava-se difícil o indivíduo caminhar independentemente dos outros, pois “os usos e costumes e a tradição regulavam a vida do grupo”. (MERLO, 1995, p. 133). No entanto, a *Gesellschaft* (sociedade), Tönnies definia como o reino do individualismo, da liberdade de opinião, da ciência a idade do dinheiro, do comércio, da indústria, da grande cidade e do cosmo politismo (TÖNNIES apud MERLO, 1995, p. 133).

Entretanto, Merlo descreve que Durkheim não concordava com o conceito de sociedade de Tönnies uma vez que em cada sociedade há uma consciência coletiva (este ponto Halbwachs herda e concorda) com normas e valores comuns. Tönnies, em contraposição, afirmava que na sociedade não há uma consciência coletiva e sim uma coerção do Estado sobre os indivíduos que a regulam.

Para Tönnies, a comunidade representaria a vontade essencial. As experiências das relações na comunidade encontravam-se na família, no parentesco, na vizinhança e no amor fraterno e maternal. Sendo assim, teríamos na comunidade relações originárias. O autor via a aldeia rural como “o mais íntimo das comunidades de lugar”, assim como via no trabalho agrícola um serviço oferecido à natureza que garantia a sua integridade em um espaço em um determinado tempo (MERLO, 1995, p. 132).

Dentro desta classificação, a festa do Rosário em Buraco Escuro está inserida em uma memória coletiva pois ainda são observadas tais características comunitárias classificadas por Tönnies.

Quanto maior é a consciência coletiva, maior será a coesão entre os participantes da festa, pois há uma espécie de conformidade de todas as consciências individuais a uma comum. Entretanto, quanto a discussão entre comunidade e sociedade é preciso compreender, para que não se caia em um reducionismo de conceitos que comunidade e sociedade são interrelacionais: a maioria das relações sociais possui o caráter de comunidade em parte o caráter de sociedade. (WEBER apud MERLO, 1995, p. 129).

Para Halbwachs (1990), a memória coletiva faz parte de vários grupos maiores ou menores, como o próprio autor denomina. Por grupos maiores, ele enquadra a nação, mas enfatiza que, embora a nossa vida esteja compreendida nela, não podemos dizer que a nação esteja interessada pelas vidas individuais de cada um de seus membros.

[...] admitamos que a história nacional seja um resumo fiel dos acontecimentos mais importantes que modificaram a vida de uma nação. Ela se distingue das histórias locais provinciais, urbanas devido que ela retém somente os fatos que interessam ao conjunto dos cidadãos ou se quisermos, aos cidadãos como membros da nação (HALBWACHS, 1990, p. 78).

Sendo assim, para que esta história nacional nos ajude a lembrar uma história individual, é preciso que este indivíduo tenha sido um personagem histórico.

Segundo Namer, Halbwachs em "Os quadros sociais da memória" já assinalava:

[...] a memória não é coletiva se ela é dominante ou pelo menos importante para uma fatia da sociedade global nacional. A memória dos textos de Saint-Simon, mesmo se fosse carregada por um grupo de erudito, não seria uma memória coletiva, memória na sociedade e memória da sociedade ela seria uma memória social. (NAMER, 1987, p. 28-29).

Entretanto, Halbwachs afirma em “A memória coletiva”, que a memória coletiva se encontra imersa na historicidade, pois ela produz uma cultura histórica que se constitui na identidade de nações, grupos, etnias ou religiões.

Anthony Giddens (1997, p. 81) busca traçar a interpretação do conceito de tradição. Para o autor, a tradição está ligada à memória coletiva. Envolve um ritual. Está ligada ao que ele chama de “noção familiar de verdade”. Possui guardiões e apresenta-se como uma força de união que relaciona o moral e o emocional⁹. A memória como tradição diz respeito à organização do passado em relação ao presente. Nesta discussão, a visão de passado de Maurice Halbwachs é citada como algo que não é preservado, mas continuamente reconstruído tendo como base o presente. Essa reconstrução seria feita pelos indivíduos, parcialmente, pois é fundamentalmente social ou coletiva.

A festa do Rosário é um ritual em que as ações dos indivíduos que a compõem são dotadas de recordações das práticas sociais necessárias a sua realização: o preparo do banquete, das roupas etc. Tais objetos, assim como o quadro de casamento pintado nas paredes das casas, os retratos de familiares ao lado de santinhos os objetos e fotos de falecidos e as lembranças da festa quando estes ainda eram vivos ou o fogão a lenha ao lado do fogão a gás constituem símbolos, dotados de significados e recordações, capazes de desvendar a memória local daquela comunidade.¹⁰

Os símbolos contidos nos objetos fazem com que a consciência disponha de algumas maneiras para representar o mundo, seja através dos símbolos contidos em nosso espírito, na percepção, nas sensações ou nas lembranças. Halbwachs (1990) descrevia que quando se entra pela primeira vez em um quarto à noite, ao vermos as paredes móveis e todos os outros objetos, ocorre em nossa mente um quadro real de ressentimento, surpresa ou tristeza. Podemos observar pelos relatos orais que os sentimentos e pensamentos pessoais buscam suas fonte nos meios e nas circunstâncias sociais definidas. É como se procurássemos sempre algo nos objetos e eles, por vez, nos remetessem às lembranças de outros.

É nesta convivência com os outros que os festeiros iam lembrando a própria vida em comunidade. Os relatos dos outros indivíduos vão se tornando importantes para a reconstrução das lembranças até então apagadas. Esta reconstrução é realizada a partir de noções comuns que se encontram tanto em nosso espírito quanto no dos outros indivíduos. É neste jogo simultâneo de trocas entre eles que Halbwachs (1990) expressa a forma de compreendermos como uma lembrança pode ser construída e reconstruída ao mesmo tempo.

Para Halbwachs (1990), enquanto o grupo não muda sensivelmente, o tempo em sua memória pode se prolongar. Entretanto, é quando ocorre a transformação, como uma pequena melhoria do caminho de acesso a Buraco Escuro com a derrubada de algumas porteiras e de pequenas pontes, que um novo tempo inicia-se para o grupo e sua atenção, seu pensamento, vai se afastando progressivamente daquilo que foi e do que não mais é agora. Mas o tempo antigo pode, como descreve Halbwachs, “subsistir ao lado do tempo novo” como se o velho grupo recusasse a ser absorvido inteiramente pelo novo grupo (HALBWACHS, 1990, p. 123).

A homilia do Pe. A. durante a festa consistia em lembranças sobre a Festa do Rosário de 2001, sobretudo do congado, trocadas ali no momento. Da mesma forma, o diálogo com Dona F. contribuía para reconstruir ali no presente um passado. Ambas situações tinham o mesmo objetivo: cultivar na população, especialmente a jovem, o apego pela tradição¹¹.

Isto não significa dizer que a geração mais velha tenha mais memória que a nova, tanto porque uma necessita da outra, como demonstrou Halbwachs, para lembrarem do que cada uma das gerações é, constituindo e reconstruindo a si mesmas no presente. Para o autor, cada grupo organizará seu pensamento em torno de interesses que não são completamente os mesmos. Sendo assim, a memória da geração nova de Buraco Escuro pode possuir outros interesses. Os símbolos podem estar contidos em novas crenças que podem até ser capazes não de eliminar a festa do Rosário, mas de interpretá-la de forma diferente. Entretanto, é preciso perceber que

[...] poucas são as sociedades as quais tenham vivido seja em que tempo for que não subsistiam, ou que pelo menos não tenham deixado algum traço de si mesmo nos grupos mais recentes onde estamos mergulhados. (HALBWACHS, 1990, p. 27).

Quando uma sociedade é submetida a uma modificação profunda, a memória parece atingir às lembranças por dois caminhos diferentes constituindo assim “dois tempos coletivos” que conservam “dois quadros de pensamento” (HALBWACHS, 1990, p. 126), o que nos leva a complementar com a afirmação de que não há um tempo ou um espaço universal e único. A sociedade compõe-se de uma multiplicidade de grupos, em que cada um apresenta sua forma particular de relacionar espaço e tempo.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário em Buraco Escuro é um grande exercício de análise da experiência coletiva, capaz de revelar memórias individuais e coletivas – a interpretação de vida social. São estas interpretações das interpretações de uma memória as forças motoras da cultura popular em um tempo e espaço.

Considerações finais

A comunidade de Buraco Escuro, através da festa, mobiliza o tempo a sua maneira, ou impõe aos seus membros a ilusão de que por uma certa duração, ao menos, num mundo que se transforma incessantemente, algumas zonas adquiriram uma estabilidade e um equilíbrio relativo e que nada de essencial ali se transformou. As lembranças presentes nos relatos orais representam um tempo real, pois possuem um conteúdo de acontecimentos ao pensamento “que é limitado e relativo, porém possui uma realidade plena” (HALBWACHS, 1990, p. 133).

É preciso também analisar que os pequenos traços de modernização que surgem em Buraco Escuro podem vir a ocasionar maior coesão social até mesmo na realização da festa. Se antes os moradores de Buraco Escuro participavam das missas e festas de Sem Peixe, a partir do momento em que foi construída a capela de

Santo Antônio, os fiéis da comunidade passaram a constituir padrões culturais significativos em suas organizações festivas, para a construção da identidade e da memória de seu espaço, como tem demonstrado a escolha da rainha e do rei.

O estudo da Festa do Rosário nos permite verificar até que ponto um estilo de vida que carrega consigo uma visão do mundo implica uma coesão social significativa para esta comunidade, sendo capaz de demarcar fronteiras e elaborar identidades sociais.

Notas

* Graduada em Ciências Sociais pela UFRJ. Mestranda em Memória Social e Documento (MMSD/ UNIRIO), sob a orientação do Prof. Dr. Marco Aurélio Santana.

¹. É importante destacar que as falas dos personagens serão mantidas em sua forma “bruta” sem interferência do pesquisador. Muitos dos relatos, como os de Seu N., Dona M. e D. devem-se às anotações no diário de campo durante observação participante. Nesta pesquisa, a preferência por entrevistar pessoas idosas deve-se ao considerável número experiências vivenciadas por estas e à dificuldade em se obter documentos sobre Buraco Escuro e a festa do Rosário. Sendo assim, os relatos orais serão priorizados fonte de informação e registros de uma memória local. Quanto à formação histórica do local, uma das primeiras questões era a respeito da remanescência de escravos. Porém, em dados da Prefeitura de Sem Peixe e dos relatos orais dos moradores da zona urbana e rural, não há referência aos escravos negros, mas aos índios que junto com o “homem branco” deram origem à população local. É freqüente narrarem casos sobre a origem indígena de seus antepassados. Em consulta ao último censo do IBGE – realizado em 2000 – não há referência sobre a cor predominante dos habitantes do município.

². “Lá”, na fala de Dona M., refere-se a Buraco Escuro, pois esta entrevista foi realizada em Sem Peixe.

³. Souza (2002) aponta as irmandades de “homens pretos” como espaços que permitiam um maior controle sobre africanos escravizados e seus descendentes (cativos ou livres). Nestas irmandades, as eleições de reis negros e as suas comemorações teriam atingido uma maior complexidade e significado. Estes rituais fizeram com que as irmandades de “homens pretos” funcionassem como um espaço de afirmação social e cultural. Através da descrição de um rei negro por Mello Mores e Filho, a autora mostra que nas comemorações de rua, seja em festa de negro ou branco, sempre havia muita dança, música, cortejo, consumo de comida e bebida. Entretanto, a coroação de um rei, no altar, pelo padre e o seu cortejo nas ruas, somente aparece na Festa do Divino Espírito Santo e nas festas de santos cultuados pelos negros como a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a de São Benedito, de Santa Efigênia e Santo Elesbão.

⁴. Em Buraco Escuro, a Igreja de Santo Antônio é uma capela e não uma paróquia, ou seja, não apresenta um padre fixo, assim como acontece na cidade mais próxima, Sem Peixe.

⁵. A cachaça, também denominada “lustriba ou pinga” em Buraco Escuro parece ser uma bebida de grande importância, seja no que diz respeito à venda para a arrecadação de dinheiro para a realização festiva quanto por sua presença no ritual e na crença que se encontra na memória dos integrantes do congado da festa do Rosário. É a cachaça vista pelos integrantes do congado como protetora de todo o mal.

⁶. A homilia compõe uma das partes do ritual da missa que é momento em que o padre, em pé, após uma leitura bíblica, faz uma reflexão sobre a história narrada aos fiéis que se encontram, neste momento, sentados. Normalmente, o celebrante articula o fato bíblico

com a vida real. No folheto de acompanhamento da missa, encontra-se escrita a palavra homília, mas é comum que se falem também em sermão do padre, palavra bem mais usual em Buraco Escuro. Sermão, no “Dicionário de Sem Peixe” (1997) significa “discurso pregado em púlpito” (tribuna de onde pregam, nos templos, os oradores sagrados).

⁷. Fentress e Wickham (1992, p. 7) chamam atenção para o destaque dado por Halbwachs em sua concepção da memória, incluindo a individual, com sendo coletiva, correndo o risco de transformar o indivíduo um ser “[...] passivamente obediente à vontade coletiva interiorizada”. É preciso notar que se para Halbwachs (1990) as memórias individuais são determinadas por construções coletivas que parecem se sobrepor aos indivíduos, em contrapartida, podemos observar que para Fentress e Wickham (1992), o coletivo se apresenta como resultante da ação do indivíduo na sociedade, já que a importância da memória individual é destacada. O que torna tais autores similares e de grande importância para o estudo sobre a memória é que tanto o conceito de memória individual quanto o de memória coletiva constituem elementos fundamentais para uma discussão fundamental sobre indivíduo e sociedade.

⁸. A devoção do povo nordestino à figura de Padre Cícero é um bom exemplo para mostrar esta reinvenção. Não reconhecido pela igreja católica como santo indo de encontro à imagem que o povo nordestino católico faz da imagem do Padre Cícero Romão Batista, o reconhecendo popularmente pela religiosidade como “Padim Ciço”, como santo que, em vida, pregava a devoção à Nossa Senhora da Conceição chegando a ser deputado federal e vice-presidente do estado da Bahia.

⁹. Giddens (1997) analisa o agente como possuidor de três níveis de consciência (a discursiva, a prática e a inconsciente) que o permitem agir de forma individual dentro de um padrão estrutural. São as reflexões dos agentes que atualizam e ocasionam mudanças de estruturas.

¹⁰. Segundo James Fentress e Chis Wickham (1992, p. 31), todas as sociedades, mesmo as mais primitivas, possuem maneiras e técnicas de preservar a sua “memória das coisas” através de “mapas” de toda representação portadora de informação. Sendo assim, há um mapa coletivamente guardado na memória de um grupo. A nossa experiência do presente fica inscrita na experiência passada. A memória passa a representar o passado e o presente que se ligam entre si. A confiança nesta memória está no fato de ela ser continuamente testada na vida cotidiana.

¹¹. Conta Pe. A. que certa vez na cidade de Santana (MG), sua terra Natal, o padre de lá havia proibido a festa, mas o povo resolveu, a fim de manter viva a tradição no presente, fazer uma festa para Nossa Senhora de Santana, o que foi aceito pela autoridade eclesial. A festa foi realizada seguindo o mesmo ritual da festa do Rosário. Enquanto o padre comemorava a homenagem à Santana, o povo a interpretava como uma homenagem à Nossa Senhora do Rosário.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

CERTEAU, Michael de. Relatos de Espaço. In:_____. **A invenção do cotidiano**: 1. arte de fazer. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 199-217.

DAMATTA, Roberto. Espaço: casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In:_____. **A casa e a rua**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

FRADE, Cáscia et al. Autos dos Congos. In:_____. **Festa popular**. Rio de Janeiro: Livroarte, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zandar, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Ulrich Beck, Anthony Giddens, Scott Lash. São Paulo: Fundação UNESP, 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In:_____. **Cidade**: História e desafios. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 108 -123.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. Introdução. In:_____. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>.

LE GOFF, Jacques. Memória. In:_____. **Memória e história**. Enciclopédia Einaudi, v. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1984. p. 11-50.

MERLO, Valério. Rumo à origem da sociologia rural: vontades humanas e estrutura social no pensamento de Ferdinand Tönnies. In:_____. **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: USP, 1995. p. 121-133.

NAMER, Gerard. **Mémoire et société**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

POLLAK, Michael. Memória e identidade. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PREFEITURA Municipal de Sem Peixe. **Dicionário de Sem Peixe**, 1997.

REGISTRO Oficial Estatuto da Associação do Congado e Dança de Marujo de Sem Peixe. Dom Silvério, 21 de Agosto de 1990.

SOUZA, Marina de Mello. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, n. 5, p. 9-28, jun. 2002.

Abstract

This article analyses the memory of the annual Rosario's religious celebration in the countryside of Minas Gerais State, Brazil. What interests us is the role played by this memory in the building of the local social identity. Through the accounts of some participants, the article deals with the ways a collective memory is organized and transmitted in a rural area where the religiosity is an important feature.

Keywords: collective memory, space, community, Rosario's Party, Minas Gerais.

